



FORMAÇÃO DOCENTE E A GESTÃO DO CUIDADO: PROPOSTA DE MUDANÇAS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL/ ÉTICA

**Silvia Regina Rosso Blissari
Orimar Batista Dos Reis
Luiz Eduardo Garcia
Cremilson Oliveira Ramos
José Johnny Ferreira Da Silva**

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar propostas de mudanças no processo de formação de professores pautada na construção da ética profissional. O trabalho, de cunho qualitativo, apresenta a formação ética dentro da perspectiva da Gestão do Cuidado, originadas de observações e vivências, de forma a analisar as diversas interações afetivas entre professores/professores e alunos, demonstrando que a ética é algo pessoal, de cada um e de todos nós. E a formação profissional pautada na gestão do cuidado, propicia o desenvolvimento de um cidadão com responsabilidades sociais, ético, capaz de compreender o seu papel na construção de uma sociedade fundamentada em uma prática social que vise o respeito pelo outro e a propagação da cidadania, centrados na vida. A universidade como centro da educação sistemática da qual faz parte, tem a função de oferecer oportunidades que permitam aos profissionais desenvolverem sua formação profissional, de forma a atender os desafios impostos pela sociedade: a formação de um professor/formador/ ético, emancipado, um ser humanizado.

Palavras-chave: Gestão do Cuidado. Ética. Formação continuada.

APRESENTAÇÃO

A formação docente de qualidade no ensino superior é uma meta a ser almejada por toda sociedade preocupada com a educação. De nada adianta um bom currículo, formadores de formadores qualificados, se os mesmos não identificam nas suas ações as implicações que a ética produz para a conduta dos profissionais. As ações desenvolvidas estão intimamente ligadas às nossas redes de relações, onde expressamos o modo como agimos com nossos semelhantes, atitudes que alimentam nossa corporeidade, desenvolvendo em nós sensações de bem estar agradáveis e desejáveis a ambos.

Compreender a importância da ética profissional para o fortalecimento de uma educação centrada no bem estar social, na vida, é necessário para mudança do comportamento das pessoas, em seu modo de agir e sentir, em sua convivência entre a

universidade e a sociedade. A universidade deve ter como meta a busca de uma educação de qualidade alicerçada no bem comum, incorporando em suas ações e concepções pedagógicas o respeito entre os indivíduos, o cuidado com o próximo, contribuindo assim para a evolução do ser humano.

Os estudos que embasaram este artigo utilizam-se de uma abordagem qualitativa, buscando subsídios nos referenciais existentes dentro do curso de especialização “A gestão do Cuidado para uma Escola que Protege”, da UFSC, visando compreender a importância da ética profissional para o fortalecimento de uma educação centrada na vida, na mudança do comportamento das pessoas, em seu modo de agir e sentir.

A questão central deste estudo é de construir (ou contribuir) uma proposta de formação profissional docente, para a gestão do cuidado e, possibilitando ações para as transformações e os avanços na formação humanizadora de educadores, proporcionando o pensamento sobre essas ações enquanto formadores de formadores, “recriando sentidos, modos de pensar e agir, que (re) crie de uma nova consciência, apontando a universidade como rede de cooperação, reflexão e ação para pensar a racionalidade dentro da perspectiva ética das relações, pois, diariamente estamos em contato com nossos pares e somos afetados direta ou indiretamente por suas ações e condutas morais.” (BLISSARI. S.R.R. 2011)

Somos seres humanos, desenvolvemo-nos a partir do contato que temos com as outras pessoas e por nossas experiências de vida, constituindo assim nossa subjetividade, bem como nossa capacidade de interagir com o meio em que vivemos, por meio de nossa inteligência, num processo de crescimento gradativo, ao longo de nossa existência.

A universidade também é um dos locais adequados, para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a relação humana e a gestão do cuidado, buscando a melhoria da qualificação profissional, da educação e conseqüentemente da sociedade, pois a universidade é parte integrante desta e, reflete dentro de si o mundo.

A educação se faz na interação entre os professores e aprendentes, pela troca de conhecimentos e experiências, sedimentando novos conhecimentos em cada ser envolvido nessa relação de troca. Dentro deste contexto, devemos pensar a formação do professor de maneira que haja uma maior interação neste espaço educativo, onde se expressa a ação desse ser que educa e que, ao fazê-lo, se educa, identificando os limites e as possibilidades presentes na sua ação, expressas pela sua sensibilidade e inteligibilidade. (BLISSARI. S. R. R. 2011)

A universidade é um sistema vivo, feito de pessoas de identidades diferenciadas, dessa forma está sempre evoluindo e, nessa evolução é capaz de olhar detalhadamente, tendo um cuidado com o que se ensina e como se ensina, refletindo e repensando as possibilidades das mudanças dentro de sua prática diária. Assim, o professor/ formador terá possibilidades de compreender os ritmos da universidade, praticando uma educação formadora centrada na vida e na emancipação do ser, pois ambos andam juntos, são indissociáveis. Esse educar “visa à restauração da inteireza humana [...] a escuta para o sentimento e abertura do coração” (MORAES, 2003).

A formação profissional centrada na vida, numa gestão do cuidado, pode ser vista como um espaço de (re) significação dos sujeitos, da sua formação pessoal e profissional e, está intrinsecamente ligada ao contexto das relações entre a sociedade e a Educação, e a todo processo educativo que dele desencadeia. Nesse contexto, “a prática reflexiva é uma relação com o mundo: ativa, crítica e autônoma” (PERRENOUD, 2001, 65).

A formação deve ser compreendida como um processo das interações humanas desenvolvidas no cotidiano, na interrelação entre a teoria e prática, engendrando uma

cultura da própria formação docente e a sociedade, dentro da teia de significados construída durante a formação.

Repensar a formação profissional dos educadores, implica em (re) pensar a natureza humana que nos constitui e, que essa não se baseia somente no conhecimento, mas na afetividade, situando o pensar como um pensar ético, constituído como ser e estar de presença em relação ao outro, que se manifesta como (re) ligação afetiva, constituindo-nos junto com os outros. Assumindo o entendimento por Maturana (1998), para quem

[...] a ética não tem fundamento racional, mas sim emocional e a preocupação ética, como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a aceitação do outro e pertence ao domínio do amor (p. 72-73).

Pois, a educação constitui-se necessariamente do movimento dialético, constituído a partir da interação entre professor e aprendentes, onde todos possam viver na realidade o que de fato acontece, sendo construtores de si mesmos e de suas histórias, pois, no decorrer de nosso processo de formação continuada é que vamos constituindo nossos campos de saberes e interrelacionando-os com nossa prática diária, no exercício da docência, que nos põe à prova a cada momento, fazendo com que necessitemos cada vez mais entender essa relação com o outro e nossa responsabilidade na constituição desses seres .

[...] pelo de processos de mudança, algo se transforma no tempo e no espaço e torna-se diferente do que era anteriormente. Implica transformação tanto de um ser, como de um fazer, de um ambiente, de um fato, de um evento, de um processo ou de uma situação qualquer, a partir dos quais ocorrem modificações de natureza qualitativa ou quantitativa... a mudança está presente em nossa realidade, em nossa corporeidade, já que ela é parte intrínseca da natureza da matéria...nas circunstâncias que nos envolvem... em nossas estruturas biológicas...nos processos de construção do conhecimento, na aprendizagem e na maneira como interpretamos a realidade... no modo de construir, desconstruir e reconstruir conhecimento...no diálogo sujeito/objeto, nos processos auto-organizadores da vida que permite o desenvolvimento da autonomia e a emancipação do sujeito... isto pelo fato da mudança fazer parte da própria dinâmica organizadora da vida (MORAES, 2004, p.192-193)

A construção da educação universitária dentro da perspectiva do cuidado e suas contribuições e, pautada na ética, propondo a mudança necessária e o avanço na formação de educadores mais humanizados, proporcionando o emergir de um novo modo de pensar, uma nova consciência, apontando a universidade como uma das redes de relação, cooperação e estratégia e , fonte “ação-reflexão-ação (FREIRE, 2002)”, para pensar a racionalidade desta, dentro de uma perspectiva ética das relações profissionais. A dialeticidade permite a (re) construção dos conhecimentos, valores, reflexões, possibilitando ao sujeito mudanças em si, emerso em sua realidade e, que essa acontece com a interferência do outro.

Conceber a ética desde o ponto de vista das práticas de si permite que tomemos outro rumo na maneira como lidamos com o outro, no qual a constituição do indivíduo também depende de nós.

ÉTICA E EDUCAÇÃO: COMBINAÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO RESPEITO À IDENTIDADE DO OUTRO

Quando apresentamos a ética como viés para a mudança na educação que se apresenta é porque as ações vivenciadas cotidianamente possibilitam uma melhor compreensão de nós para com nossos semelhantes.

Como agir perante o outro faz parte das inquietações de muitos professores que estão à frente da formação de profissionais para atuarem na educação. Esses sujeitos quando adentram a universidade são bombardeados com várias informações que os outros acreditam serem relevantes e necessárias para a sua relação com a universidade e com os indivíduos que fazem parte dela, não dando tempo de se estruturarem por conta própria, gerando pré-conceitos dentro das universidades e na sociedade.

As formas como os professores agem facilitam muito as coisas, suavizando às vezes as dificuldades que encontramos, mas essas só se vivem e têm valor por meio das pessoas que os habitam e conseguem dar sentido a elas (MERIEU, 1998). Todo professor já passou por essa experiência, experimentou em si o sucesso ou fracasso elaborado a partir do valor de juízo dos outros.

Ações corriqueiras do nosso cotidiano, muitas vezes afetam-nos de tal maneira, nos desestruturando, fazendo com que necessitemos do acolhimento, do entendimento do outro para levantarmos, pois, sozinhos não conseguimos fazê-lo, necessitamos da sutileza das palavras para que consigamos transformar algo doloroso em mudanças mais significativas. Como o próprio Foucault (2001) ressalta, “o ser deve estar em conexão consigo para poder estar na relação com outro e, para se constituir-se como sujeito ético e moral de suas ações e relações”.

“A ética do cuidado é um exercício de vida” (FOUCAULT, 2001). A ética exige um comprometimento dos professores e, que esses saibam utilizar adequadamente as situações que enfrentam no decorrer de suas vidas e sobre essas, refletindo para (re) construir o ser humano que desejam ser. Devem por em prática o exercício do princípio da ética do cuidado, atrelada ao desenvolvimento profissional, organizando práticas, ações e falas, iniciando esse exercício pelo cuidado de si e, que dessa relação surjam os deveres para com o outro, e para com a sociedade.

Será que os professores formadores e as universidades estão preparados para tantas mudanças? Mudar significa repensar e a partir das recomendações, a tarefa do professor no que diz respeito à educação para a gestão do cuidado numa perspectiva ética é realmente, um trabalho dos mais desafiadores e exige, não raramente, dedicação por toda uma vida. “Mudar requer vontade, aprender metodicamente com as experiências e dessas experiências transformar nossas práticas” (PERRENOUD, 146, 2000).

Práticas e experiências que estão impregnadas de diálogos, como disse Freire (1987), é uma exigência existencial para a relação do ser no mundo e para com o mundo,

[...] porque a existência humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. [...] O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciar-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 1987, p.78).

Dialogar é primordial para a construção da ética, essa pode ser vivenciada e experienciada nas situações de vida, possibilitando-nos a busca pelo autoconhecimento enquanto pessoas, mostrando-nos nossas possibilidades e limitações, levando-nos a procurar em nossas relações com o outro, a interatividade, o envolvimento, à reflexão, compreendendo que essa não é uma prática individual, mas uma prática social. Pois, “nessa constituição face a face, consigo próprio, o sujeito busca a soberania sobre si, indispensável para as relações que mantém no social” (BLISSARI, S.R.R. 2011).

No nosso cotidiano vivenciamos situações que acabam tornando-nos automatizados, influenciando e sendo influenciados por outros. Para acabar com essa automatização precisamos “exercitar o pensamento” (FOUCAULT 2001).

Esse exercício é primordial para a construção da ética, pois, analisamos as situações em que somos submetidos e nelas buscamos reformar pensamentos até então tidos como verdadeiros para nós.

O exercício do pensamento dá um sentido a nossas condutas, isso permite-nos recuar em relação a certas situações e, dessa maneira interrogar ou dar sentidos, condições e fins a nossas ações. “O pensamento é a liberdade em relação a isso que se faz, o movimento pelo qual nos desprendemos disso, o constituímos como objeto e sobre ele refletimos como problema (FOUCAULT, 2001, p. 416).”

Esse exercício do pensamento se dá nas ações cotidianas, diariamente, a cada momento, a cada instante.

As ações cotidianas não podem passar despercebidas, pois essas influenciam de alguma maneira a nós mesmos e aos outros que fazem parte das teias de relações que estamos inseridos, interligados.

A “complexidade do pensamento” (MORIN, 1986), religa os domínios do conhecimento, que costumamos separar. Esse conhecimento se constrói no movimento da cultura, que interroga o concreto, o que vemos, são os fenômenos e as teorias, transitando entre o todo e a parte e que se consolida na ética.

“Esses movimentos são situações, palavras simples, que para nós muitas vezes parecem sem significado, maltratam de tal forma quem as recebe, que podemos estar estigmatizando esse ser para os próximos passos, de sua longa caminhada de vida” (BLISSARI, S.R.R. 2011).

Será que também não fazemos isso na universidade em nosso comportamento cotidiano e não percebemos? Ou percebemos, mas não nos importamos, porque assim somos e dessa forma fomos tratados.

Foucault (2001) ressalta que “a ética está atrelada a liberdade”, que é um processo complexo articulado pela reflexão e prática, onde somos objetos e seres da reflexão e da prática. Somos determinantes e determinados dentro das relações, seres de transformações, capazes de modificar e sermos modificados em exercício prático-crítico, uma estética da existência.

Para Foucault (2001), “a construção da eticidade se dá na relação entre eu e o outro”, da reflexão sobre as ações desencadeadas e o que ela provoca e que nos permitam dizer quem somos. Somos seres, educadores lidando diretamente com o outro, com suas expectativas, anseios, com os sonhos nossos e dos outros, e, servimos de referência na formação de opiniões para a ação individual e coletiva do sujeito.

É necessário admitirmos que a educação e a universidade entrelaçam as relações sociais mais amplas e, por essa interação a universidade se torna um espaço de articulações política, social e econômica, para produzir, reproduzir e disseminar conceitos

culturais. É um contexto que pode ser repensado, reescrito para desenvolver a sensibilidade ética e dar voz à subjetividade.

É o papel de cada um, de todos nós, desenvolver a sensibilidade e dar voz à subjetividade. É na sensibilidade da escuta, que acordarmos as vozes adormecidas, esquecidas ou reprimidas, que são os fatores que engendram os movimentos da universidade, que muitas vezes tentamos silenciá-los, sem ao menos refletir sobre nossas ações, descobrindo quais os motivos que nos levam a tanta estranheza. Será que percebemos esse silenciamento dentro da nossa formação profissional causado por nossas ações?

Pensar a educação numa perspectiva da gestão do cuidado implica pensar a natureza humana em sua totalidade. “Situar o meu, o nosso pensar, como um pensar ético, constituído de nossas ações de ser e estar presente em relação com outro, que se manifesta como ligação afetiva, constituindo-nos em seres no mundo e para o mundo” (BLISSARI, S.R.R.2011).

A ÉTICA PROFISSIONAL: CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DA GESTÃO DO CUIDADO

Em nossa trajetória profissional, muitas vezes não damos a devida atenção no cuidado para com o outro, seja aluno ou colega de trabalho, isso ocorre porque viemos de um modelo de profissionalização pronto para ser seguido, acreditando ser suficiente para o desenvolvimento profissional, para resolver os problemas a serem enfrentados. É importante ouvir atentamente os colegas de trabalho, seus relatos de vida, de experiências no processo educativo, mas não deixar de ser crítico a todas essas informações repassadas, para que não nos tornemos propagadores de violências, com todos envolvidos em nossas relações. Como mudar a ação relacional entre professores e alunos?

“Essa ação relacional está ligada essencialmente na educação dos homens (LUKACS 1981)”. Nesse movimento relacional, nos apropriamos do que já existe, e ao mesmo tempo, recriamos e o renovamos de acordo com nossa especificidade, para usufruir novamente, a favor de nós mesmos e conseqüentemente na nossa relação com o outro.

Nessa movimentação faz-se a reestruturação do eu, tornando-nos um ser mais resiliente, permitindo a abertura da consciência, da responsabilidade consigo e com a estruturação da autonomia do outro. É nesta reestruturação que tornamo-nos sujeitos profissionalmente éticos. É a eticidade do professor, ou “ética” a qual Foucault (2001) refere-se: “é individual de cada um” (idem).

É na reflexão sobre nossa ação sobre o outro que a ética profissional se desenvolve e, nesse exercício contínuo, que nascem em nós alguns pressupostos que acreditamos ser necessários para a construção da ética profissional numa perspectiva da gestão do cuidado. “O cuidado comigo e com o outro deve ser indispensável para nossa relação existencial” (BLISSARI, S.R.R. 2011).

Essa relação existencial trata do ser na sua totalidade, na construção de identidade, ligadas à cultura, às crenças e valores coletivos. Como rede de relações e construtores de identidades, temos que ser pessoas confiáveis, “éticas”, que esse espaço da formação não se limite apenas à construção do conhecimento, mas que o professor formador consiga transmitir na sutileza do seu olhar, na suavidade da sua fala, na sua escuta atenciosa, que somos seres humanos complexos, que sendo atores sociais, somos capazes de encarar com interesses, paixões, dúvidas, falhas, contradições, defeitos e virtudes, na escuta de nós, com o mundo, “que somos capazes de dar sentido a vida e com as vicissitudes da condição humana” (PERRENOUD, 2005).

“Ninguém se constrói sem referências, muitas vezes somos os únicos que podemos oferecê-las (PERRENOUD, 2005)”. E a universidade se apresenta como espaço de formação, onde se encontram sujeitos diferenciados, que trazem consigo seus valores, muitas vezes perpetuadores de violências. A ação educativa que exercemos sobre o outro retorna a nós.

A constituição de uma ética profissional perpassa pela gestão do cuidado de nossas ações, pelo diálogo e respeito mútuo para com o outro, pela prática “vivenciada e experienciada” (FREIRE, 2002), favorecendo o entendimento sobre “coexistência e a compreensão do outro” (FREIRE 2002, PERRENOUD 2004), durante todo o processo de nossa constituição identitária, como professor.

Esta mudança de visão teórica do relacionamento homem/mulher/mundo: natureza altera profundamente a relação ética do ser humano consigo mesmo, com os outros, com a natureza e com o sagrado. Essa nova visão requer transformações profundas em nossa forma de ser, de atuar e de estar no mundo. Requer uma expansão em nossa compreensão, em nossas percepções e uma significativa ampliação no esquema de valores vigente, para que possamos reconhecer que o bem comum não pertence apenas à raça humana, mas a toda a comunidade terrestre e que tudo que existe, co-existe, merece existir, viver e conviver. (MORAES, 2004, p.147).

Essa caminhada começa pela prática reflexiva, perpassando pela compreensão do professor que para educar dentro da gestão do cuidado, tem que entender que o mundo é constituído de injustiças, que essa degradação da vida humana não pode ser compreendida como algo natural, mas que essa é uma produção exclusivamente do homem sobre o homem e, onde pode ser instaurado o processo de mudança.

Para Sheldrake (1994), (apud MORAES, 2004, p.192-193) a energia é o princípio causativo do processo de mudança. É o fluxo energético do universo que está na base do tempo, da mudança e do vir a ser do universo. Através de processos de mudança, algo se transforma no tempo e no espaço e torna-se diferente do que era anteriormente. Implica transformação tanto de um ser, como de um fazer, de um ambiente, de um fato, de um evento, de um processo ou de uma situação qualquer, a partir dos quais ocorrem modificações de natureza qualitativa ou quantitativa... a mudança está presente em nossa realidade, em nossa corporeidade, já que ela é parte intrínseca da natureza da matéria...nas circunstâncias que nos envolvem... em nossas estruturas biológicas...nos processos de construção do conhecimento, na aprendizagem e na maneira como interpretamos a realidade... no modo de construir, desconstruir e reconstruir conhecimento...no diálogo sujeito/objeto, nos processos auto-organizadores da vida que permite o desenvolvimento da autonomia e a emancipação do sujeito... isto pelo fato da mudança fazer parte da própria dinâmica organizadora da vida.

O desejo de mudança nasce da insatisfação por experiências que nos causaram revoltas, mágoas, frustrações, vergonha ou perturbações. Valendo-nos de nossa posição como educadores, podemos ensinar o que é tanto exigido nesse mundo, “na amorosidade da fala, na escuta das necessidades” (MORAES 2003), dos desejos e anseios dos alunos, sem desrespeitar o outro, cultivando o que tanto falamos e que gostaríamos, “respeito”, construindo em nós a alteridade que tanto desejamos. O desejo da mudança nasce do descontentamento, com aquilo que se faz e da forma que se faz.

A maior dificuldade do professor talvez seja compreender por que é tão difícil lidar com os conflitos, presentes no cotidiano. Refletir sobre nossas ações provoca a

construção de saberes, faz com que nos tornemos profissionais mais centrados no cuidado conosco e com o outro, exercitando uma atuação profissionalmente ética. Aprendemos com os erros e só permanecemos neles se assim o desejarmos. “Ética se faz na prática cotidiana e na reflexão de nossas ações (FOUCAULT, 2001)”.

A ética profissional se constitui no respeito às ideias, às opiniões contrárias, admitindo os mais diversos modos de pensar, sentir e agir, sem que isso implique necessariamente no reconhecimento desses tais modos de pensar.

Buscando ensinar aquilo que consideramos um bem comum para nós, de maneira a ser considerado como um bem para os outros ou inversamente, só podemos considerar um bem para os outros, aquilo que entendemos como bem para nós mesmos. Significa o reconhecimento do “outro” como sujeito de iguais direitos como os nossos, sob forma de *habitus*¹ e de habilidades, de saber fazer e saber ser, que damos sentido à ética e conseqüentemente, possibilitamos a construção de uma educação para a gestão do cuidado, numa perspectiva de viver e conviver melhor com nossos pares.

A formação profissional pautada na gestão do cuidado perpassa pelo *habitus*, envolve a alteridade, a ética traduzida na maneira de nos relacionarmos como mundo e com os outros, exigindo uma,

[...] presença curiosa do sujeito em face ao mundo... sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama reflexão crítica de cada um sobre o ato de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu reconhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isto mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas (FREIRE, 1988, p.27-28).

Para criarmos possibilidades para o desenvolvimento da gestão do cuidado é primordial que o professor tenha consciência e autoconfiança e se reconheça como agente transformador e, que por meio de suas ações oportunize a todos a manifestação de ações para os valores, para a ética, conceitos importantes e íntimos do formador ético para que o ser humano interaja no contexto social.

A educação para a gestão do cuidado tecida dentro da ética vem proporcionar o resgate dos valores, o respeito e a valorização de si, e conseqüentemente para com os outros, proporcionando a construção do conhecimento com consciência e consolidando a relação existencial entre nós e os outros, o que é bom para cada um de nós tem que ser bom ao outro.

Para entender melhor esse conhecimento, Freire (2006, p. 57) afirma que “o ser humano ao desenvolver a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscreve o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca”.

Como seres em evolução, estamos em constante transformação, juntamente com a sociedade, oportunizando a interação entre o aprender e o ensinar. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder

¹

Conceito utilizado por Bordieu (1993) para designar uma matriz de princípios que predispõe o indivíduo de pensar e agir de determinadas formas.

aos outros”. (idem, 59) faz parte da ação do educador ético respeitar o outro como ser capaz de atitudes autônomas e responsáveis.

Devemos lançar um olhar diferenciado sobre a ética do cuidado enquanto profissionais e seres atuantes nas redes de relações, compreendendo a singularidade de cada ser por meio dos processos que lhes constroem a subjetividade.

O melhor lugar para experimentar essa nova ética e colocá-la em prática é a sala de aula. “E que essa prática conduza o sujeito a autorrealização, indivíduos ricos socialmente e humanamente” (MÉSZAROS, 2005).

A educação é ato essencialmente humano. Paulo Freire (1983) nos diz que

[...] comecemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação. Qual seria este núcleo captável a partir de nossa experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem. [...] A educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado (p.27-28).

Cabe a cada um de nós educadores mudar o panorama educacional que se apresenta. O melhor caminho passa pelo exame crítico de nosso papel como educadores, restaurando-nos como sujeitos responsáveis eticamente na construção da identidade do outro, valorizando o movimento e a diversidade da reflexão e da análise dos processos sócio-culturais, educacionais que possibilitem o surgimento de uma educação pautada na ética, caminhando para a construção da gestão do cuidado em sua amplitude.

É o educar para sentir pensar que produzirá a prática da integralidade e da integridade, da escuta inclusiva e da ênfase no cuidar do ser, a partir de um fazer mais coerente com os pensamentos e os sentimentos. É através do sentir que estaremos desenvolvendo as competências necessárias e a formação em torno de uma antropologia holística, cada dia mais necessária. Educar para a formação do ser integral é ajudar o indivíduo a encontrar o seu centro, a descobrir a virtude (ética) que, é essência da vida, está no centro... Educar, reconhecendo a totalidade do ser humano, é a forma de nós, educadores, fazermos justiça ao todo que somos, lembrando que necessitamos, mais do que nunca, conspirar a favor da inteireza humana para que possamos ser mais felizes em nossa própria humanidade. (MORAES, 2003, p.127)

Em suma, Boff (2001, p. 29) diz que ética profissional: “Seria a nossa prática/reflexiva, que produz uma mudança interior, uma transformação em nós”. Em nosso jeito de pensar, sentir, significar e agir conosco e com o mundo.

REFERÊNCIAS:

BLISSARI, Silvia R. R. Currículo e ideologia: Análise crítica da prática de ensino dos professores atuantes nas séries iniciais. f.117 il. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Del Norte, Assunção – Paraguai, 2010.

_____. **Educar na perspectiva da Gestão do cuidado: recriando sentido e modos de ser/pensar.** Trabalho de conclusão da Especialização “A gestão do Cuidado para uma

Escola que Protege” do Núcleo Vida e Cuidado/NUVIC do Centro de Ciência da Educação/CED da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2011.

BOFF, Leonardo. Ética da Vida. Letrativa. 1999.

_____. **Saber cuidar: ética do humano** – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 199p

DREYFUS, Hubert. Michel Foucault. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. Op. Cit. 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio: Paz e Terra, 1992.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Nova Petrópolis: Vozes 1996.

_____. (1995a) Sobre a genealogia da ética. Uma revisão do trabalho. In: RABINOW, Paul;

MERIEU, Philippe. Aprender...Sim, mas como? Porto Alegre, Art. Médicas, 1998.

MÉSZÁROS, István. Beyond capital. London: Merlin Press, 1998.

MORAES, Maria Cândida. Pensamento Eco-sistêmico. Educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

_____. **Educar na biologia do amor e da solidariedade.** Editora Vozes, 2003.